

ESTRANHAMENTO, DUPLO E MISE EN ABYME NA OBRA A CIDADE SITIADA, DE CLARICE LISPECTORRaquel OGURI¹**Recebido:** 10/04/2024**Aprovado:** 26/04/2024**Resumo**

O presente artigo aborda três questões inerentes ao terceiro romance de Clarice Lispector, *A cidade sitiada*, uma obra de natureza autorreflexiva, em que a personagem principal, Lucrecia Neves é narrada por uma série de espelhamentos, duplicações e vertigens. A primeira questão é a forma de arquitetar *A cidade sitiada* como a possibilidade de um mundo em *mise en abyme*, sustentado por múltiplos espelhos e duplos dentro da obra. A segunda parte trata do aspecto do estranhamento e do estranho presentes na vida da autora, mais especificamente durante a criação do livro, e como se dá o reflexo ou o espelhamento na obra. O terceiro ponto aborda o estranhamento por um outro viés, no sentido do olhar da crítica sobre a obra. A ideia do texto é oferecer uma hipótese de leitura do romance *A cidade sitiada*, com o intuito de gerar novas reflexões sobre uma obra importante ainda situada à margem. Tal hipótese (ou chave) de leitura se baseia, principalmente, no conceito de André Gide, autor que introduziu pela primeira vez o termo *abyme*, emprestado da heráldica (ou estudo de brasões), sugerindo um modelo formal para os seus romances, em que “a comparação com o procedimento do brasão consiste em, dentro do primeiro, colocar um segundo *en abyme*” (GIDE, 1948, p. 41).

Palavras-chave: estranhamento; autorreflexividade; *mise en abyme*; espelhos; arquitetura clariceana.

ALIENATION, DOUBLE, AND MISE EN ABYME IN THE WORK A CIDADE SITIADA BY CLARICE LISPECTOR**Abstract**

The present article addresses three inherent questions regarding Clarice Lispector's third novel, *A cidade sitiada*, a work of self-reflective nature where the main character, Lucrecia Neves, is narrated through a series of mirrorings, duplications, and vertigos. The first question concerns the architectural form of *A cidade sitiada* as the possibility of a world in *mise en abyme*, sustained by multiple mirrors and doubles within the work. The second deals with the aspect of estrangement and the strange present in the author's life, more specifically during the creation of the book, and how this reflection or mirroring manifests in the work. The third point addresses estrangement from another perspective, in terms of critical interpretation of the work. The idea of the text is to offer a reading hypothesis of the novel *A cidade sitiada* in order to generate new reflections on an important work still situated on the margins. A hypothesis (or key) of reading based primarily on André Gide's concept, an author who first introduced the term *abyme*, borrowed from heraldry (or the study of coats of arms), suggesting a formal model for his novels, which would be “the comparison with the procedure of the coat of arms consists in, within the first one, placing a second one in *abyme*”.

Keywords: estrangement; self-reflexivity; *mise en abyme*; mirrors; claricean architecture.

INTRODUÇÃO

A tarefa do ensaísta, crítico ou pesquisador que pretende explorar o mundo das narrativas de Clarice Lispector prescinde de uma espécie de advertência a ser compartilhada com o leitor. Eis a

¹ Mestranda em Literatura Brasileira - USP.

OGURI, Raquel. Estranhamento, duplo e *mise en abyme* na obra *A cidade sitiada*, de Clarice Lispector. In: Revista **Falas Breves**, no. 13, Breves-PA, maio de 2024. ISSN 23581069

advertência para quem estuda, examina, investiga, busca e compartilha possíveis leituras sobre as narrativas de Lispector: recusar a tentação de análises e visões interpretativas calcadas na assertividade ou em certezas esquemáticas. É preciso, portanto, cuidado permanente no trajeto de quem busca penetrar (no que parece impenetrável) complexo universo da autora, ou como melhor observado por Yudith Rosenbaum (2002, p. 12) para tatear essa escrita que “se faz pelo avesso” é necessário “um modo mais alusivo do que afirmativo”, pois o objeto de estudo é feito por uma “escritura errante, que alude ao inexprimível, à zona obscura do que a palavra não pode expressar”. É em cima desse terreno que o presente artigo se constrói.

A referida escrita “ao avesso”, pensada em diálogo com Freud, que estudava e se inspirava na literatura para desenvolver as suas teorias (como o texto *Dostoiévski e o parricídio*), contribui e ilumina o modo de construir o mundo de Clarice Lispector. Segundo o psicanalista:

Dentre as muitas liberdades do escritor, há também aquela de poder escolher, de acordo com a sua preferência, seu modo de figurar o mundo, seja fazendo-o concordar com a realidade por nós conhecida, seja, de certo modo, afastando-se dela. De toda forma, nós os seguimos (FREUD, 2020, p. 107).

Dentro dessa chave, é possível ver Clarice Lispector como uma autora, que, ao invés de trabalhar sua escrita dentro de uma “realidade por nós conhecida”, caminha na direção inversa. A potência das suas narrativas está justamente no aspecto de estranhamento que elas provocam, “afastando-se dela” (da realidade), conforme explicado por Freud. Essa “outra” realidade, essa dimensão, é que leva o leitor a entrar em contato com mundos internos e subjetivos, pois como a própria autora diz “O que escrevo é simples como um voo. Um voo vertiginoso. Êxtase?”.

UM MUNDO À MARGEM

Dos tantos mundos literários criados por Clarice Lispector, paira o livro *A cidade sitiada*, o seu terceiro romance. A obra que parece se posicionar, ainda hoje, à margem do seu legado, é um riquíssimo e complexo objeto, que requer atenção.

Há que se lembrar de uma emblemática frase da autora: “Sou por um triz. *On the verge of*” (LISPECTOR, 1978, p.57). A espécie de advertência de Clarice Lispector equivale a uma senha para os investigadores da sua obra, no sentido de que se trata de uma escritora cuja definição da própria identidade é marcada pela ideia de “sou por um triz” e em constante limiar do abismo.

Quando se tem em perspectiva toda a escrita clariciana, é preciso pensar que reflexos e estranhamentos causados por espelhos e duplos são também a base da escrita da autora, um tipo de escrita como se nascida em *mise en abyme*.

É relevante acrescentar que a construção em abismo, como recurso literário, passa a ser vinculada pela crítica literária como um procedimento mais ligado à figura do espelho do que àquela ligada aos brasões. Quando se tem em perspectiva toda a obra clariciana, é preciso lembrar que reflexos e estranhamentos causados por espelhos e duplos são forças motrizes da escrita da autora, um tipo de escrita como se nascida em *mise en abyme*.

UMA OBRA EM *MISE EN ABYME*

Em *A cidade sitiada*, a *mise en abyme* aparece tanto “como um espelho interno à obra que a reproduz em miniatura”, conforme elucidado por Claudia Vasconcellos (2017), como de uma maneira mais fluida e aberta, possibilidade que seria a *mise en abyme* como “um processo de reflexividade literária, de duplicação especular. Tal autorrepresentação pode ser total ou parcial, mas também pode ser clara ou simbólica, indirecta”, conforme explanado no *E-Dicionário de Termos Literários da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas* da Universidade Nova de Lisboa.

No seu terceiro livro, Clarice Lispector, logo nas primeiras páginas, revela o campo externo, o “fora”, a cidade de São Geraldo. Como observado por Regina Pontieri (2001), a obra *A cidade sitiada* apresenta a especificidade e ineditismo de uma cidade colocada em primeiro plano narrativo.

Em *A cidade sitiada*, o mundo da protagonista Lucrecia Neves é apresentado ao leitor de forma de forma sensorial e mítica - diferente dos romances e contos em primeira pessoa ou com fluxo de consciência (textos que compõem o *hall* que a crítica, em geral, considera as maiores obras primas), formas pela qual a autora revela o aspecto interior da personagem. Essa é uma interioridade que, muitas vezes, é acessada pelo leitor, logo no *incipit*, a exemplo de uma das obras mais aclamadas e estudadas da autora, *A paixão segundo G.H.*: “[...] estou procurando, estou procurando. Estou tentando entender. Tentando dar a alguém o que vivi e não sei a quem, mas não quero ficar com o que vivi. Não sei o que fazer do que vivi, tenho medo dessa desorganização profunda” (LISPECTOR, 2009, p. 9).

Já em *A cidade sitiada*, a composição vai em direção oposta à revelação do aspecto interior de boa parte das obras claricianas, como *A paixão segundo G. H.*, em que a matéria “de dentro” marca

a partida da narrativa. No livro sobre São Geraldo e Lucrécia, o leitor se depara com um mundo exterior estranho, sensorial, que se revela logo de início.

[...] Mal acabara de falar o relógio da igreja bateu a primeira badalada, dourada, solene. O povo pareceu ouvir um momento o espaço... o estandarte na mão de um anjo imobilizou-se estremecendo. Mas de súbito o fogo de artifício subiu e espocou entre as badaladas. [...] A população acorrera para celebrar o subúrbio e seu santo, e no escuro o pátio da igreja resplandecia. [...] o lardo da igreja estava frágil (LISPECTOR, 2019, p. 9).

Para se entender a relação de integração e espelhamento entre cidade e protagonista, é importante explicitar o contexto histórico dessa cidade, pois o pano de fundo criado pela autora ajuda a dar sentido para o desenvolvimento de uma personagem tão “perdida” como Lucrécia e sempre “provocada” pelas transformações que a rodeiam:

O romance se passa em 192..., no subúrbio de São Geraldo, onde vive a jovem Lucrécia Neves com a mãe, a viúva Ana em um pequeno sobrado. A personagem oscila entre o tédio e a mesmice de um ambiente sem futuro e, por outro lado, o medo da modernização. Em A cidade sitiada há dois personagens em movimento, em transformação: o campo em cidade e a menina em mulher (LISPECTOR, 2019, p. 13).

A protagonista é uma moça dividida entre a vila-refúgio de origem, com a qual mantém laços afetivos, memórias, um elo com o passado, mas também sonhos de um futuro a se realizar, a metrópole romantizada e idealizada. No âmbito social, Lucrécia é a típica mulher da década de 20. O casamento é o destino-modelo. Lucrécia vive entre o sonho do casamento e uma espécie de secreto desejo de liberdade e de fuga da realidade que a cerca.

Outra peculiaridade do romance é que ele gira em torno de uma protagonista apresentada pelo narrador como limitada intelectualmente, sem capacidade de refletir sobre a vida, diferente de boa parte do legado clariciano (uma outra exceção seria a inocente Macabéa, de *A hora da estrela*). Conforme explica o narrador, “Lucrécia Neves talvez quisesse exprimi-lo, imitando com o pensamento o vento que bate portas – mas faltava-lhe o nome das coisas” (LISPECTOR, 2019, p. 20). O seu modo de apreensão do real se dá pelo olhar, que não chega a se transformar em linguagem, em palavra. “O que não se sabe pensar, se vê” e o modo de se expressar é vago, limitado. A linguagem usada nos diálogos, em grande parte, ou é superficial ou infantil, como alguns trechos destacados abaixo:

“Mamãe, vou sai!” (LISPECTOR, 2019, p. 37)

“Mamãezinha, a senhora precisa sair mais de casa” (LISPECTOR, 2019, p. 65)

“Que aspecto!” (LISPECTOR, 2019, p. 68)

“Esta é a praça mais bonita que já vi”, dizia (LISPECTOR, 2019, p. 83).

Uma vez que se trata de uma protagonista, aparentemente, limitada e “tosca”, a forma que a autora encontra para expressar o de “dentro” de Lucrecia é por um diálogo e entrelaçamento entre a personagem e o espaço externo, formado pela cidade, pela paisagem, pelos edifícios, pela modernidade. Há uma constante busca da protagonista - por não se sabe exatamente o que -, cujas perguntas mal consegue formular encontra ressonância, portanto, naquilo que está “fora” dela. Um exemplo disso concerne ao momento em que da sua casa observa ao longe o morro do pasto. Segundo o narrador: “no crepúsculo a mulher espiou o morro do pasto. A escarpa negra erguia-se em punho sobre S. Geraldo”. Logo em seguida, “percebia que fora em extremo esforço que o morro lhe respondera” (LISPECTOR, 2019, p. 128).

Ainda em relação ao modo como a autora constrói o entrelaçamento e o espelhamento entre personagem e cidade, há passagens que evidenciam de forma clara esse procedimento: “A praça estava nua. Tão irreconhecível ao luar, que a moça não se reconhecia” (LISPECTOR, 2019, p. 8).

É pertinente ressaltar o potencial do espaço e da paisagem como elementos provocativos na literatura, um viés não só estudado pelo campo da literatura e da filosofia, mas também da Geografia Humanista. Como ressalta Jean Marc Besse:

[...] Na paisagem, a vida subjetiva se desenrola à beira das coisas. [...] Se há experiência há exposição da subjetividade a algo como um ‘fora’ que a conduz e a empurra, às vezes violentamente, fora dos seus limites. Nesse sentido, a paisagem é, literalmente, ‘isso’ que põe o sujeito fora de si mesmo (BESSE, 2014, p. 45).

Em *A cidade sitiada*, Clarice Lispector consegue exprimir ao máximo essa potência poética da paisagem em diálogo com o interior “escondido” da personagem, pois “Tudo o que Lucrecia Neves podia conhecer de si mesma estava fora dela”. Essa forma de construção que entrelaça cidade e protagonista representa uma escolha importante da autora para dar alguma luz à jornada de uma complexa personagem, moça incapaz de se narrar.

Autora e narrativa em *mise en abyme*

A cidade em primeiro plano, que inicialmente parece protagonizar a narrativa, e que é inclusive o substantivo que dá título ao livro, propõe um jogo metafórico interessante e que revela, OGURI, Raquel. Estranhamento, duplo e *mise en abyme* na obra *A cidade sitiada*, de Clarice Lispector. In: Revista **Falas Breves**, no. 13, Breves-PA, maio de 2024. ISSN 23581069

ao longo da narrativa, o espelhamento cidade-personagem. Diante do título *A cidade sitiada*, pode-se cair no engano do retrato de uma cidade em estado de sítio. Logo, o leitor perceberá que São Geraldo não é um lugar cercado militarmente, mas encurralada ou esmagada pela modernização e pelas máquinas aos olhos de quem repele ou gostaria de reprimir a transformação (visão essa da protagonista Lucrecia Neves).

O recurso da autora é expor essa cidade quase como uma história principal ou preponderante. De fato, a cidade é como uma grandiosa personagem onipresente no livro. No entanto, aos poucos, a autora vai revelando mais sobre a menina perdida nessa cidade, Lucrecia Neves. Tais revelações são sempre hesitantes, escondidas, pois Lucrecia pouco se mostra. Aos poucos, o leitor entende que é a menina-moça que se sente em condição de sitiada.

O modo como a autora tece a história de Lucrecia, que representa a história dentro da história da cidade (em espelhamento), é uma forma de estabelecer a cidade como elemento provocador, a cidade como figura essencial como espelho refletor de duplos de uma personagem que se disfarça durante todo romance, com pulseiras e chapéus, tudo para não se revelar, pois “uma vez pronta – disfarçando-se com uma futilidade que não procurava salientar o corpo, mas os enfeites – sua figura se ocultaria sob emblemas e símbolos [...]” (LISPECTOR, 2019, p. 34).

O estranhamento da crítica

Para se pensar no aspecto do “estranho” na obra, é válido resgatar a etimologia da palavra. “Estranho” origina-se do latim *extraneu* e significa o exterior, aquilo que pertence ao fora, palavra cujo substantivo é “estrangeiro”.

Se a recepção crítica do primeiro romance da autora, *Perto do coração selvagem*, em 1943, significou um importante acontecimento literário, não se pode dizer o mesmo do terceiro, *A cidade sitiada*, lançado em 1949.

A dimensão do impacto positivo da primeira obra foi de tal intensidade, que é válido resgatar algumas palavras de Antonio Candido:

Tive verdadeiro choque ao ler o romance diferente que é *Perto do coração selvagem*, de Clarice Lispector, escritora até aqui completamente desconhecida para mim. Com efeito, este romance é uma tentativa impressionante de levar a nossa língua canhestra a domínios pouco explorados [...]. A intensidade com que sabe escrever e a rara capacidade da vida interior poderão fazer desta jovem escritora um dos valores mais sólidos e, sobretudo, mais originais de nossa literatura [...] (CANDIDO, 1944, [s.p.]).

Já na opinião de Sergio Milliet (1981), a primeira obra representou verdadeira inovação dentro da literatura brasileira. Nas suas palavras,

a mais séria tentativa de romance introspectivo. Pela primeira vez um autor nacional vai além, nesse campo quase virgem de nossa literatura, da simples aproximação; pela primeira vez um autor penetra até o fundo a complexidade psicológica da alma moderna, alcança em cheio o problema intelectual, vira ao avesso, sem piedade nem concessões, uma ericada de recalques (MILLIET, 1981, p. 62).

Já em relação ao livro *A cidade sitiada*, Milliet (1981) vai em direção contrária, em sentido negativo, como grande parte da fortuna crítica. No seu artigo, o autor ressalta não só certo estranhamento diante da narrativa, bem como outros aspectos que considera negativos da obra. Para o crítico, no terceiro romance, “[...] o rococó mascarou com sua interminável série de ornatos a estrutura da obra, impedindo-nos de perceber e penetrar-lhe o espírito [...]” (MILLIET, 1981, p. 39).

É possível pensar que o fato de se tratar de um texto com a especificidade e ineditismo já mencionados, tenha também contribuído para uma leitura não tão receptiva da obra. Ainda mais complexo é o modo como Lispector escolhe pintar a cidade, com imagens, sinestesia e sensações que compõem uma forma onírica e mítica de narrar, o que talvez seja o que Sérgio Milliet (1981) chamou de “rococó”.

O estranhamento em terras estrangeiras

É relevante lembrar que a essência da identidade de Clarice é estrangeira. Nascida em Tchelchenik, aportou no Brasil com dois anos, primeiramente em Maceió e, em seguida, a família rumou para o Recife. A autora se casou cedo, com o diplomata Maury Gurgel e logo foi viver no “estrangeiro”, passando por Napoli, Berna, Washington, dentre outras cidades. O sofrimento nos territórios fora do Brasil, país que adotou como pátria, fica evidente nas cartas às irmãs, como no trecho:

[...] A Europa é o mundo, é da Europa que ainda saem as melhores coisas. Eu não conheço ninguém e me sinto esmagada por essa entidade abstrata que não consegui concretizar em nenhum amigo. Berna é um túmulo, mesmo para os suíços. E um brasileiro não é nada na Europa. A expressão mesmo é: estar esmagada (LISPECTOR, 2007, p. 111).

A carta traz a essência do significado da palavra estrangeiro. Essas são palavras que traduzem uma Clarice com o sentimento e sofrimento de ser de fora, uma estranha, uma estrangeira. Possivelmente, não por coincidência, o livro *A cidade sitiada* retrata toda a estranheza e o sentimento de não pertencimento que Clarice sentiu nos seus anos em Berna, na década de 40, como esposa de diplomata.

No entanto, a autora não era estrangeira apenas nos territórios fora do Brasil. Na aguçada percepção do amigo e escritor Antonio Callado (*apud* Gotlib, 2009, p. 52): “Clarice era uma estrangeira na terra”.

Foi especificamente entre 1946 e 1949, morando em Berna com o marido diplomata Maury Gurgel Valente, que Clarice demonstrou maior sofrimento em relação a uma terra estrangeira, relatado isso nas cartas às irmãs. O acervo epistolar da autora é precioso para o entendimento da obra “A cidade sitiada”, no que se refere à dimensão do aspecto especular entre a autora e as personagens e a constante sensação de estranhamento de Clarice durante a escrita do livro. É preciso considerar, antes de um mergulho na narrativa em si, todo aspecto especular que envolve a feitura do livro no sentido do contexto que se dá a relação da autora com a sua própria obra.

Antes de Berna, quando ainda morando em Nápoles, é nítida a tentativa da autora de se moldar e se encaixar na profissão de esposa. Em *Carta para Elisa*, Nápoles, 1º setembro 1945, ela escreve: “Nada tenho feito, nem lido, nem nada. Sou inteiramente Clarice Gurgel Valente” (LISPECTOR, 2007, p. 42). Esse é um depoimento que faz lembrar muito Lucrecia Neves, moça-mulher, entre a adolescência e o mundo adulto, que anseia por liberdade, mas cujo papel social não permite. Para a protagonista da ficção, a saída, como se fosse a única, a permitida, era “em breve, um anel de compromisso. Mais do que compromisso, de aliança” (LISPECTOR, 2019).

“O exílio clariciano na Suíça, o estranhamento das terras estrangeiras, a vida em Berna que ela define como “Cartão-postal sim. Mas aos poucos a imobilidade e equilíbrio começam a inquietar” (LISPECTOR, 2007 p. 74) e a cidade medieval com um “silêncio” assustador, são componentes importantes para se entender como todo o processo repleto de estranheza na cidade. Esses fatores, possivelmente, contribuíram para uma construção tanto de uma cidade que evoca os mitos e figurações de uma cidade medieval, bem como a criação de uma personagem sitiada em diversos sentidos: tanto pelos padrões de uma mãe, os valores de uma época, como também pela imobilidade, pelo medo da liberdade. Em outras palavras, essa seria uma história da ficção, que condensa uma outra história, real, como uma história de dentro e outra de fora.

Pode-se, portanto, pensar em Lucrecia como espécie de duplo de Clarice Lispector. As semelhanças e sensações que perpassam realidade e ficção são evidentes. Tais semelhanças provocadas pelo espelhamento talvez atingissem Clarice no seu âmago, fazendo com que a autora esboçasse o conflito em relação à história de Lucrecia. O estranhamento da carta datada de 22 de outubro de 1947, de Clarice para Tania, Lispector demonstra a dor que o livro provocava.

Esse livro foi mil vezes copiado, destruído, renascido, sei lá. Um dia desses, pegando numa das cópias mais recentes me deu náusea física à medida que me lembrava de como sofri por cada pedaço daquele e de como depois eu via que não prestava. Tive que não pensar nele durante dias – porque persistia em mim esse curioso nojo da dor. Enfim, querida, o livro não presta (LISPECTOR, 2007, p. 54).

Paradoxalmente, bem ao modo clariciano, na crônica “A comunicação muda”, de 1970, bem posterior à época de Berna, a escritora deixa claro que o livro também é visto como um tipo de salvação da sua vida na Suíça.

A salvação da monotonia de Berna foi viver na Idade Média, foi esperar que a neve parasse e os gerânios vermelhos de novo se refletissem na água, foi ter um filho que lá nasceu, foi ter escrito um de meus livros menos gostado, A cidade sitiada. [...] Berna é uma cidade livre, por que então eu me sentia tão presa, tão segregada? (LISPECTOR, 2007, p. 32).

Ana x Lucrecia

Se dentro da ficção, o campo externo, o fora, parece ser o duplo principal de Lucrecia, é dentro do seu mundo particular, mundo da infância, o ninho, que se revela o duplo primordial: sua mãe, Ana. A intensidade desse duplo se fortalece diante do revelador o significado etimológico e mítico dos nomes escolhidos por Lispector.

Lucrecia, vem do latim *Lucretius*, de *lucrum*, sinônimo de lucro, riqueza. Um outro significado é o do historiador Tio Livio, do século I a.C. (autor da obra histórica intitulada *Ab urbe condita*, que relata a história de Roma, desde o momento tradicional da sua fundação, 753 a.C.), que relata Lucrecia como personagem mítica, que foi estuprada e acusada injustamente “Mesmo isenta de culpa, não me sinto livre do castigo”, teria dito a mulher. Lucrecia passou, então, a ser sinônimo do ideal de mulher da antiga sociedade romana, matriz da “beleza aliada à virtude.”

Já o sobrenome Neves, deriva do Latim *nix*, “neve”, que se remete a ideia de pureza. Ao associar Lucrecia com Neves, a possibilidade de lucro-pureza forma uma quase contradição.

Sobre o significado do nome da mãe, Ana Neves, é original hebraico *Hanna*, que significa “graciosa” ou “cheia de graça” e tem origem no nome hebraico *Channah*.

OGURI, Raquel. Estranhamento, duplo e *mise en abyme* na obra *A cidade sitiada*, de Clarice Lispector. In: Revista **Falas Breves**, no. 13, Breves-PA, maio de 2024. ISSN 23581069

A reflexão sobre a ambiguidade do nome Lucrecia Neves, bem como a possibilidade de antagonismo entre Lucrecia, lucro versus Ana, pureza, são reveladoras para a análise de *A cidade sitiada* no que se refere ao tema duplo, pois os nomes apontam para uma relação de duplicidade, repleta de ambiguidade e dicotomia entre mãe e filha. Isso não ocorre como o clássico duplo, a exemplo do Goliadkin de Dostoievsky, que se materializa em um outro. Como explicado por Claudia Vasconcellos (2017):

A aparição do *doppelganger* do miserável funcionário público Golyadkin” seria, segundo a estudiosa, ‘a consequência lógica para um personagem coagido até o extremo insuportável da solidão. [...] Duplica-se para ter companhia, assim como muitos personagens de Beckett, solitários imaginadores, que se consolam na efabulação [...]’. Além disso, em *O duplo*, há a reverberação da voz interior, similar ao que ocorre em *O homem duplicado* de Saramago, onde a voz é denominada Senso Comum (VASCONCELLOS, 2017, p. 33).

Como já visto, o procedimento adotado por Clarice Lispector é diferente dos modelos que podemos chamar de clássicos ou formais de duplicação.

O aspecto da solidão aparece também em Lucrecia Neves, mas de forma bem indireta e não com a força que aparece em *O Duplo de Dostoievsky*, por exemplo. Em *A cidade sitiada*, há um complexo duplo ligado pelo cordão umbilical: enquanto a mãe, de alguma forma, parece funcionar como um espelho da personagem, tanto no sentido de evocar sentimentos do passado e, por vezes, horror, por outro, a filha está sempre, de alguma forma, voltando para a presença de Ana, como se fosse inescapável estar com aquele que pode ser chamado de duplo perturbador, representado pela figura da mãe.

O relacionamento entre as duas é repleto de jogos de cena, cercado de ironias, alfinetadas e mascaramentos. O olhar e presença da mãe viúva a sufocava, por isso Lucrecia desviava os olhos dela, a única personagem que ela evita olhar. Por isso, “cada vez mais Ana procurava se aproximar. [...] Lucrecia desviava os olhos” (LISPECTOR, 2019, p. 78).

A dinâmica entre as duas, dentro de casa, era se tornarem “tontas” e “sagazes”, “assumindo o caráter desconhecido de dois personagens que elas jamais saberiam descrever, mas que podiam imitar, apenas imitando-se”. Esse trecho mostra a complexidade da relação e a autora deixa claro que elas se veem como personagens, ou seja, no âmbito teatral, em cena. Curioso, é que a maneira de sustentarem essa relação tão escondida, tão esforçada para se manter na superfície, a melhor maneira parece ser “apenas imitando-se”.

Para o entendimento de como a autora constrói essa dinâmica de duplicidade mãe-filha, alguns detalhes são reveladores na segunda metade do livro, como o fato de Lucrecia perder o marido e se transformar em viúva, tal qual a mãe. Na última cena, Lucrecia está vestida como a mãe, com o chale desta nos ombros. Já viúva e sozinha, resolve abandonar São Geraldo para se unir à mãe em outra cidade.

CONCLUSÃO

Analisar a obra de uma autora como Clarice Lispector, dentro de uma perspectiva *en abyme*, parece fazer sentido, uma vez que está alinhada com a própria essência da autora, cujo “eu” ela mesma define “em abismo”. Ao invés de histórias em caixinhas, uma dentro da outra, em Clarice não há fronteiras nem bordas. Se têm, estão sempre em movimento. É como se as histórias se complementassem e se espelhassem como anéis planetários em permanente movimento, anéis planetários que ora se sobrepõem, ora se intercalam e ora se encaixam. Inclusive, no romance *A cidade sitiada*, a autora usa com regularidade a ideia de figuras redondas, como anéis, aliança, mundo redondo, roda-gigante e círculos. Os elementos circulares pontuam toda a obra e sempre aparecem como provocadores de algum tipo de sentimento ou incômodo na personagem, como a “dissonância de uma roda”.

A ideia do artigo foi, justamente, apresentar essa dimensão de círculos imaginários (círculos formados por três elementos principais: o duplo, o estranhamento e a *mise en abyme*), que envolvem toda a escrita de Clarice Lispector. Talvez, assim, a partir dessa perspectiva e entendimento, seja possível alcançar cada vez mais uma proximidade maior de entendimento com livro *A cidade sitiada*, narrativa de composição complexa, com muitos níveis de leitura e, acima de tudo, potencial para novos olhares que podem abrir outras camadas de reflexão.

BIBLIOGRAFIA

BESSE, Jean-Marc. *O gosto do mundo: exercícios de paisagem*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2014.

CANDIDO, Antonio. Notas de Crítica Literária “Perto do Coração Selvagem”. *Folha de São Paulo*, 1944.

DALLENBÄCH, Lucien. *Le récit spéculaire: essai sur la mise en abyme*. Paris: Seuil, 1977.

FREUD, Sigmund. *O infamiliar e outros escritos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020

OGURI, Raquel. Estranhamento, duplo e *mise en abyme* na obra *A cidade sitiada*, de Clarice Lispector. In: Revista **Falas Breves**, no. 13, Breves-PA, maio de 2024. ISSN 23581069

LISPECTOR, Clarice. *A cidade sitiada*. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.

_____. *Minhas queridas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007

MILLIET, Sérgio. *Diário crítico de Sérgio Milliet*. Vol. I. São Paulo: Martins, 1981.

PONTIERI, Regina. *Clarice Lispector: uma poética do olhar*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

ROSENBAUM, Yudith. *Folha Explica: Clarice Lispector*. São Paulo: Publifolha, 2002.

VASCONCELLOS, Cláudia Maria de. *Samuel Beckett e seus duplos: espelhos, abismos e outras vertigens literárias*. São Paulo: Iluminuras, 2017.

FALAS BREVES